

Cemitérios de Lisboa



BOLETIM CULTURAL DOS
CEMITÉRIOS DE LISBOA



EDITORIAL

Completámos um ano sobre o lançamento deste nosso Boletim Cultural!

Um ano de grande crescimento desta comunidade com a qual partilhamos o interesse, a curiosidade, a vontade de conhecer os nossos cemitérios.

São quase 700 os que mensalmente recebem as notícias e a agenda de visitas através da nossa lista de distribuição. O programa de voluntariado *Adopte Uma Rua no Cemitério* conta atualmente com 35 voluntários, com quem trocamos ideias e com quem nos juntamos anualmente num workshop a eles dedicado.

Para a realização da *2ª Semana Cultural nos Cemitérios*, juntaram-se a nós mais parceiros, dos quais destaco os Municípios de Loures, Setúbal e Vila Franca de Xira. As mais de 30 atividades contaram com cerca de 1000 participantes. Estamos a contar que a 3ª edição chegue ainda mais longe!

Nesta edição, contamos pela primeira vez com uma participação externa. Rafaela Ferraz, escritora, investigadora independente e co-autora do livro *Death And Funeral Practices In Portugal*, propôs-nos a publicação do artigo *O Caso dos Crânios: A Coleção Ferraz de Macedo*, uma coleção osteológica com origem nos cemitérios de Lisboa.

Damos também destaque, na rubrica *Pedras e Obras*, a uma empreitada de recuperação de jazigos emblemáticos e/ou os que se encontram em mau estado de conservação e que, por razões diversas se encontram a cargo da Câmara Municipal de Lisboa.

Pode ainda ler as habituais rubricas sobre *Simbologia*, desta vez sobre o ouroboros e a serpente, nos *Monumentos Sepulchraes* a descrição do jazigo do Cemitério da Ajuda onde repousam os restos mortais do Arquiteto Domingos Parente, o relato de um inesperado acontecimento no Cemitério da Ajuda, nos *Echos do Passado*, uma entrevista a Ema Câmara e notícias diversas.

SARA GONÇALVES

Envie-nos as suas sugestões e contribuições para cemiterios.visitas@cm-lisboa.pt



CENTRO DE ESTUDOS
DE LISBOA

SIMBOLOGIA: OUROBORO E SERPENTE



J.P. nº444 do Cemitério dos Prazeres

Como símbolo, a serpente representa a regeneração e o renascimento. Durante a sua vida passa períodos de grande actividade quando caça de forma rápida e subtil, que alterna com longos momentos de repouso e quase inércia, quando digere os alimentos e quando muda de pele nas várias fases de crescimento, como se renascesse.



J.P. nº1400 do Cemitério do Alto de S. João



Representa o Bem em várias profissões ligadas à recuperação e à saúde: na medicina, em conjunto com o bastão de Esculápio; na enfermagem com a taça de Hígia e como símbolo da medicina farmacêutica associada à árvore que significa a vida.



J.P. nº6114 do Cemitério do Alto de S. João

É ainda um dos atributos de Hermes, cujo bastão tem duas serpentes enroladas.

Na mitologia grega Hermes é um deus olímpico conhecido como mensageiro dos deuses, com várias funções que incluem guiar as almas dos mortos para o reino de Hades. Com o domínio romano torna-se no deus Mercúrio.



J.P. nº3477 do Cemitério dos Prazeres



J.P. nº962 do Cemitério dos Prazeres

Na tradição cristã, a serpente é símbolo da desobediência, quando no Paraíso incita Eva a colher a maçã da Árvore da Sabedoria.



OUROBORO ou URÓBORO

A serpente que engole a própria cauda.

Simboliza o movimento, a continuidade, um ciclo de evolução fechada sobre si própria.

O círculo que forma é o eterno retorno: à vida segue-se a morte e depois a vida e assim sucessivamente, como as estações do ano se vão repetindo ao longo do ano.



J.P. nº1245 do Cemitério do Alto de S. João



A serpente é representada em várias religiões e nas mais variadas mitologias.

É também a guardiã do ovo que representa o universo.

No edificado tumular aparece durante o período romântico, por vezes como serpente alada, ou associada a outros símbolos típicos da iconografia funerária da época, como a saudade ou a caveira com ossadas.

E. C.



J.P. nº311 do Cemitério da Ajuda

Bibliografia

- ÁVILA, Pablo Martín, *Símbolos religiosos*, Didáctica Editora, 2013.
 CHALINE, Eric, *Símbolos do oculto*, Editora Penguin, 2021.
 CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain, *Dicionário dos Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*, Lisboa, Teorema, 2010.
 KEISTER, Douglas, *Stories in stone*, Giggs Smith, 2004.
 TRESIDDER, Jack, *Os Símbolos e o seu significado*, Círculo de Leitores, 2000.
 WALKER, Bárbara G., *Dicionário dos símbolos e objectos sagrados da mulher*, Lisboa, Planeta Editora, 2002.



NOTÍCIA

CONVERSAS SOBRE PATRIMÓNIO E HISTÓRIA

Anualmente, a Câmara Municipal de Vila Franca de Xira promove o ciclo de conferências “Conversas sobre Património e História”, com diversas temáticas, que tem lugar no Polo de Alverca do Museu Municipal de Vila Franca de Xira.



Fotografia de Victor Henriques

Este ano, o mês de Abril foi dedicado ao Património Cemiterial, tendo sido apresentadas três conferências. A Câmara Municipal de Lisboa foi convidada para apresentar *A Casa Portuguesa no Cemitério: Tradição e Cultura Popular* pela Dr.^a Gisela Monteiro, no dia 15, seguindo-se *Património Cemiterial do Concelho de Vila Franca de Xira* pela Dr.^a Anabela Ferreira no dia 22 e, no dia 29, o Dr. André Martins da Silva apresentou *Património Cemiterial da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*.

Foi uma excelente oportunidade para podermos partilhar pesquisas que estão a decorrer, resultados de investigações e mostrar a novos públicos o potencial do rico património cemiterial nacional.



NOTÍCIA

ADOPTE UMA RUA NO CEMITÉRIO: WORKSHOP 2023

Desde 2021 que a Divisão de Gestão Cemiterial tem a decorrer o programa de voluntariado *Adopte Uma Rua no Cemitério*, integrado no Banco de Voluntariado da Câmara Municipal de Lisboa.

Este programa, que conta já com mais de 30 voluntários, visa fazer um levantamento fotográfico dos jazigos particulares dos cemitérios de Lisboa, especialmente focado no Cemitério do Alto de São João e no Cemitério dos Prazeres, onde se encontram cerca de 90% dos jazigos particulares dos cemitérios municipais.

Anualmente, é feito um workshop envolvendo técnicos da divisão e os voluntários. Este ano o workshop decorreu no Cemitério do Alto de São João.



Na primeira parte foi feita uma visita em mini-bus por todo o espaço, seguindo-se uma sessão de partilha de experiências, incluindo uma breve apresentação do sistema de informação TANATOS, onde estão a ser colocadas as fotografias e informação recolhidas pelos voluntários.

Mais uma vez, uma palavra de agradecimento a todos os nossos Voluntários!

Quer saber mais sobre o programa de voluntariado?

Pode ver aqui <https://voluntariadolisboa.cm-lisboa.pt/> ou enviar um email para cemiterios.visitas@cm-lisboa.pt



NOTÍCIA

MISSA DE PEREGRINOS DE ITÁLIA NO CEMITÉRIO DOS PRAZERES

Entre 1 e 6 de Agosto decorreu em Lisboa a Jornada Mundial da Juventude 2023. Milhares de peregrinos de todo o mundo tiveram Lisboa como destino e o Papa Francisco, líder da Igreja Católica, destacou a presença de cerca de 1,5 milhões de pessoas na vigília de 5 para 6 de Agosto.



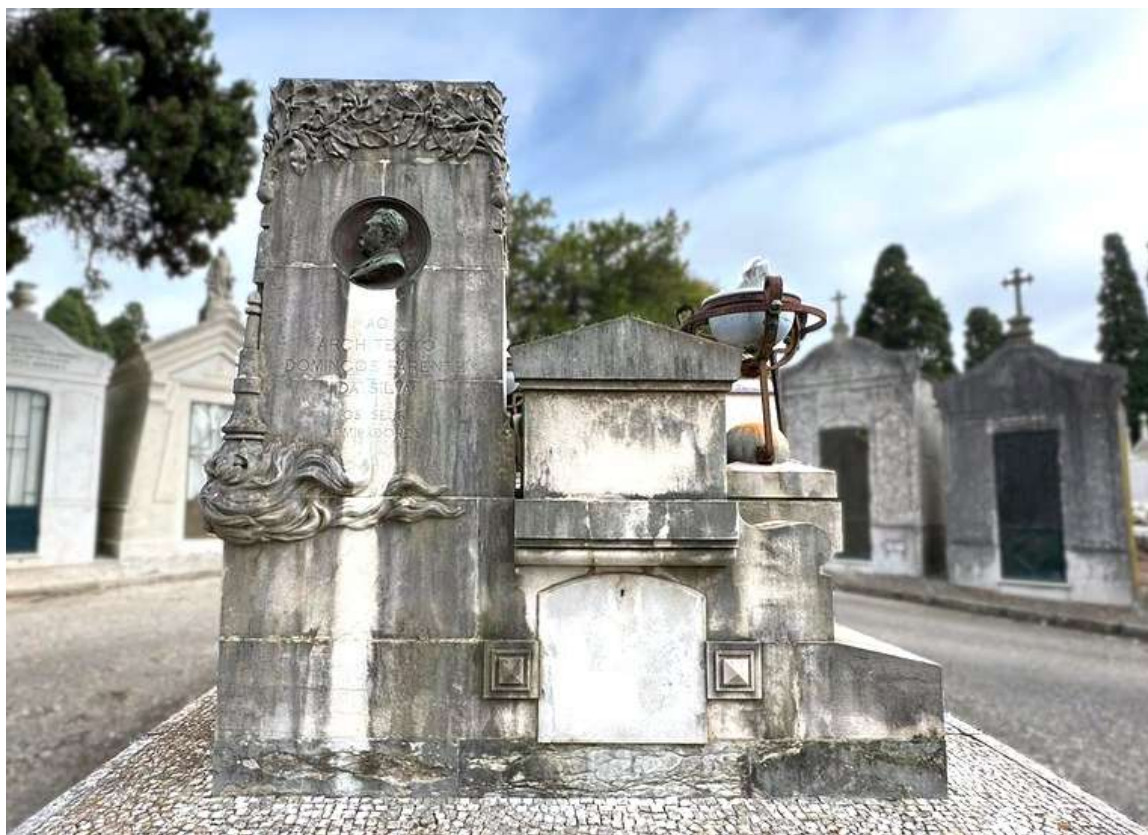
No dia 4 de Agosto, várias centenas de peregrinos italianos fizeram uma missa campal na Alameda do Cemitério dos Prazeres, em frente da capela, resultando a amplitude e serenidade do espaço num momento singular de espiritualidade e comunhão.



MONUMENTOS SEPULCHRAES EM REVISTA*

Jazigo N.º 319 - DOMINGOS PARENTE
DA SILVA

O mausoléu do Arquiteto Domingos Parente da Silva encontra-se no Cemitério da Ajuda. Figura ilustre que nasceu em Lisboa na freguesia de Santos-o-Velho a 4 de maio de 1836 e que faleceu em Belém no Bairro de Alcolena a 7 de novembro de 1901. Coursou a Academia das Belas Artes de Lisboa, foi arquiteto e pintor e trabalhou na Companhia Real dos Caminhos de Ferro do Norte e Leste, no Ministério das Obras Públicas - Direção do Distrito de Lisboa e como arquiteto da Câmara Municipal de Lisboa. Foram muitas as obras que mereceram o seu ilustre risco, destacando-se o projeto da fachada neoclássica dos Paços do Concelho, em 1867, e o projeto do pórtico do Cemitério dos Prazeres em ferro fundido, fabricado pela fábrica Perseverança, com simbologia ligada à morte e à imortalidade, em 1872.



J.P. nº319 do Cemitério da Ajuda

*Pode consultar a revista *Monumentos Sepulchraes* (1868) no site da Biblioteca Nacional em <https://purl.pt/26306>



No entanto, o fato de ter sido «um grande artista»¹ e possuir «um bello e piedoso coração»², levou os seus amigos e admiradores a «consagrarem-lhe n'um monumento fúnebre, modesto e artístico, a sua memória saudosa»³. Criou uma subscrição pública que foi levada a cabo pela Sociedade dos Arquitetos Portugueses, na pessoa de Liberato Telles de Castro e Silva, e teve uma grande adesão, tendo o excedente da verba sido distribuído pelos pobres de Alcolena. Foi erigido num terreno com 2,68m de frente por 2,68m de frente a fundo, no cruzamento das ruas 6 e 9 deste cemitério.



O projeto do monumento ficou a cargo do conceituado arquiteto Álvaro Augusto Machado (1874-1944), que o riscou com «linhas sentidas»⁴, e o concebeu quase na sua totalidade, só contando com uma pequena participação do distinto escultor Francisco dos Santos (1878-1930) para a elaboração de pequenos elementos decorativos.

A sua construção ficou a cargo das «officinas Moreira Rato»⁵ que anteriormente tinham construído o Jazigo Valmor no Cemitério do Alto de São João. A cerimónia de sua inauguração realizou-se no dia 30 de Maio de 1906.

Esteticamente este túmulo-monumento tem uma forma quadrada sendo constituído por um conjunto de elementos que assentam num embasamento simples e de faces lisas, um obelisco, e duas taças-lanternas ladeiam o depósito da urna.



É todo feito em pedra de lioz, exceto as taças, os seus suportes e a palma de bronze. O obelisco é adornado com uma folhagem no topo das faces. Possui o busto de perfil do defunto e o seguinte epitáfio:

AO
ARCHITECTO
DOMINGOS PARENTE
DA SILVA
OS SEUS ADMIRADORES

Na esquina tem esculpido um archote voltado para baixo, cujas chamas acompanham as inscrições da face principal e lateral onde está a palma.

Junto ao obelisco encontra-se a urna que contem os seus restos mortais. As armações das lanternas estão colocadas em pequenas mísulas compostas por vários aparelhos de pedra maciça que lembram formas geométricas. A do alçado principal está ladeada por medalhões e a taça do ângulo oposto possui um ornato tipo voluta na aresta inferior.

Simbolicamente as taças-lanternas fazem lembrar fogaréus, o símbolo da purificação e da regeneração.

O Archote invertido representa a morte, a palma a ressurreição. Este jazigo está classificado como Monumento de Interesse Municipal.



E. R.

1 CARVALHEIRA, Rosendo, "Biografia: Domingos Parente da Silva", *Anuario da Sociedade dos Architectos Portuguezes: MCMV*. Lisboa: Sociedade dos Architectos Portuguezes. (1905). Anno I. p. 33.

2 *Loc. cit.*, p. 33.

3 *Loc. cit.*, p. 33.

4 CAMPOS, Alfredo da Costa, "Translação dos restos mortaes do architecto: Domingos Parente da Silva", *Anuario da Sociedade dos Architectos Portuguezes: MCMVIII*. Lisboa: Sociedade dos Architectos Portuguezes. (1908). Anno IV. p. 13.

5 *Loc. cit.*, p. 13.



NOTÍCIA

DIA DA CRIANÇA NA FEIRA DO LIVRO DE LISBOA

No dia 1 de Junho, Dia da Criança, a Divisão de Gestão Cemiterial esteve presente na Feira do Livro de Lisboa.



Estivemos com as crianças que nos visitaram, distribuímos fichas e jogos didáticos, incluindo o nosso “quantos-queres” mágico, que ajuda a descobrir quais são os animais de pedra dos nossos cemitérios. E para quem quis experimentar, ainda foi possível fazer decalques do símbolo de Lisboa, presente um pouco por toda a cidade, em vários equipamentos e mobiliário urbano.

Esta iniciativa está associada a uma nova visita guiada no cemitério dos Prazeres concebida no âmbito do programa DESCOLA e desenvolvida precisamente a pensar nos mais pequenos: *Qual é o mistério? Num cemitério com tanta História!*



As escolas podem marcar para: cemiterios.visitas@cm-lisboa.pt

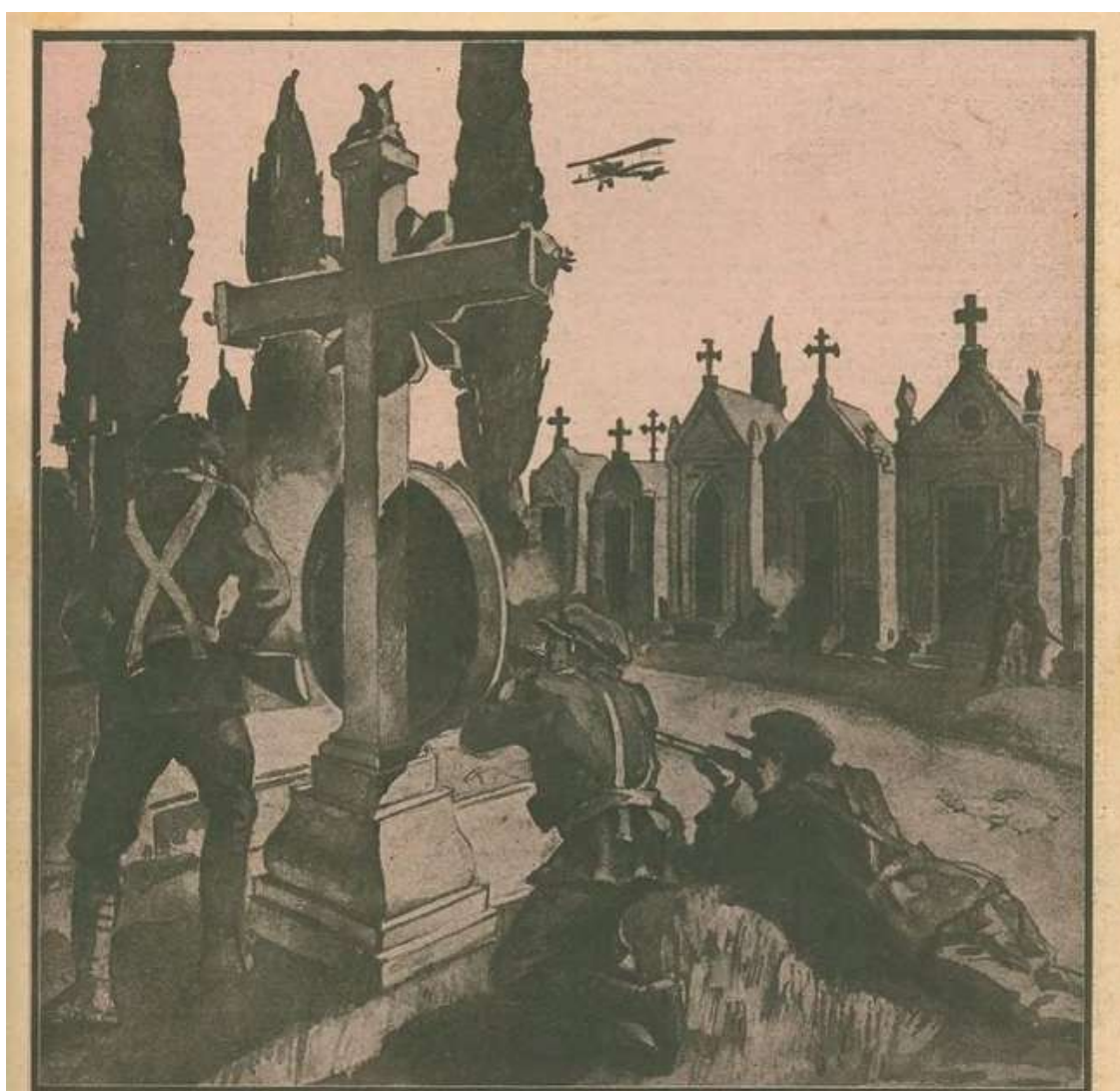


ECHOS DO PASSADO: BATALHA DA AJUDA

Na madrugada de 19 de Julho de 1925, o cemitério da Ajuda foi palco de uma situação insólita: uma batalha entre os monumentos fúnebres.

Ainda no rescaldo do Golpe dos Generais, uma revolta em Abril contra as instituições da República, o Comandante Mendes Cabeçadas causa a revolta no cruzador *Vasco da Gama* e, no Forte de São Julião da Barra, Jaime Baptista evade-se e assalta o Forte do Bom Sucesso.

De madrugada, antes da revolta ser dominada por forças fiéis ao governo, dá-se a Batalha da Ajuda.



A fúria dos vivos entre a paz dos mortos!

Eis um documento inédito do último movimento revolucionário: o trágico encontro das forças combatente, no cemitério da Ajuda, na madrugada de 19 de Julho. Entre as serenas campas onde jazem os mortos—os vivos, na sua imensa fúria, combatem em nome não se sabe bem de quê...

*(Fugiu composta sobre algumas
indicações dadas no local de combate
por soldados que nela tomaram parte.)*

Domingo Ilustrado, N.º28, 26 Julho de 1925
Hemeroteca Municipal de Lisboa



A revolta foi dominada por forças fiéis ao governo e, de madrugada, dá-se a Batalha da Ajuda.



Entrada Cemitério da Ajuda

Na edição desse dia o Diário de Lisboa relatou detalhadamente os acontecimentos. Desta notícia, que pode ser consultada online, destacamos o seguinte trecho:

Um cemitério trincheira de guerra

No extremo quasi, da Calçada do Galvão, é, lavado de luz e de ar, o cemitério da Ajuda. Os sitiantes - porque o quartel dos revoltosos fica um pouco mais abaixo - atacaram por aquele lado, escondidos primeiros nos côncavos do terreno, defendidos depois pelos troncos das árvores, a perito descoberto por fim, quando um tenente que os detinha sozinho com uma metralhadora em frente, mesmo, da portada funerária, se viu forçado a desistir da luta por falta de apoio e de munições.

Os de infantaria 1, tal qual se faz nas guerras grandes, apenas puderam aproximar-se do reducto, instalaram-se nele, tornando a morada dos mortos em qualquer da soldadesca.

Fez-se mais fogo; profanou-se à bala o mármore das sepulturas; fez-se alarido de guerra naquela mansão quieta de paz, onde o destino quis que até os mortos nas suas jazidas fossem alvo da ferocidade e dos desvarios dos vivos.

As grades do portão serviram de trincheira; o lado de lá dos muros improvisou-se em campo de concentração de prisioneiros.



NO CEMITERIO DA AJUDA



— Quem me dera ser aquele... e saber o que sei hoje!...

O Espectro, N.º 9, 27 Julho de 1925
Hemeroteca Municipal de Lisboa



VISITAS NOS CEMITÉRIOS MUNICIPAIS DE LISBOA

A Divisão de Gestão Cemiterial disponibiliza um conjunto de visitas orientadas gratuitas, que nos últimos anos tem sido alargado a novas temáticas e cemitérios. Podem ser agendadas para grupos de 8 a 30 participantes.

Alto de São João

Conhecer o Cemitério

Conhecer o Cemitério & Cripta dos Combatentes

Flores de Pedra - simbologia das flores

Lisboa Modernista

Prazeres

A Memória das Palavras - escritores e poetas

Arquitectura Funerária, um caminho diferente

Até que a Morte nos Separe - percurso romântico

Conhecer o Cemitério dos Prazeres

Flores de Pedra - exposição e visita

O Jazigo dos Duques de Palmela

Percursos no Feminino - mulheres famosas

Pessoas em Pessoa - percurso pessoano

Protagonistas da Revolução Liberal de 1820

Simbologia no Cemitério

Último Palco - actores e actrizes

Volta e Notas - músicos

Figuras Forenses (nova visita guiada)

Qual é o mistério? Num cemitério com tanta história! (nova visita guiada para crianças)

Ajuda

Conhecer o Cemitério & Cripta

Benfica

Conhecer o Cemitério

Lumiar

Conhecer o Cemitério

Olivais

Conhecer o Cemitério (nova visita guiada)

Escolha a visita, reúna um grupo de amigos e contacte-nos através do endereço cemiterios.visitas@cm-lisboa.pt



CEMITÉRIOS
DE LISBOA

NOTÍCIA

APRESENTAÇÃO DO LIVRO FLORES DE PEDRA NA FEIRA DO LIVRO DE LISBOA 2023

No dia 6 de Junho, como parte integrante do programa de celebração do Dia Mundial do Meio Ambiente promovido pela Direcção Municipal de Ambiente, Estrutura Verde, Clima e Energia, foi feita uma sessão de apresentação do livro *Flores de Pedra/Flowers of Stone*, na Feira do Livro de Lisboa, a convite da Divisão da Rede de Bibliotecas.



Lançado em conjunto com a exposição homónima, que ainda podem visitar na capela do cemitério dos Prazeres, o livro atingiu já a segunda edição e originou a criação de duas visitas guiadas - uma no cemitério do Alto de São João e outra no cemitério dos Prazeres - onde os participantes vão encontrando esculpidas nos jazigos algumas das espécies identificadas.

As autoras Sandra Mesquita, Gisela Monteiro e Sara Gonçalves estiveram à conversa com os leitores e partilharam um pouco da experiência de fazer este trabalho no levantamento de campo, identificação e pesquisa.

O livro encontra-se ainda disponível para aquisição nas lojas da rede de Bibliotecas de Lisboa, nas secretarias dos cemitérios e online em <https://blx.cm-lisboa.pt/product/flores-de-pedra-flowers-os-stone/>



FLORES DE PEDRA

No século XIX, a Linguagem das Flores era conhecida por todos e usada para trocar mensagens entre amigos, familiares e amantes. Também nos cemitérios se escolhiam as flores a talhar nos túmulos para transmitir uma mensagem.

Fique a conhecer o significado das mais de 40 espécies identificadas através do livro *Flores de Pedra/Flowers of Stone*.



Disponível para aquisição nas secretarias dos cemitérios do Alto de S. João e dos Prazeres, nas lojas da rede de Bibliotecas de Lisboa e online no site BLX.



ENTREVISTA

1. Nome, profissão, idade

Chamo-me Ema Maria Câmara de Almeida Barros da Cruz, sou Historiadora e tenho 61 anos.

2. Há quanto tempo trabalha na DGC?

Trabalho na DGC desde Outubro de 2005, há 18 anos.



3. Qual é a parte do seu trabalho de que gosta mais?

O que mais gosto de fazer é investigação, escrever os textos para os percursos, para o Boletim Cultural, para as efemérides e realizar as visitas nos cemitérios. As visitas são importantes para dar a conhecer ao público em geral, a vertente histórica dos cemitérios, a simbologia, a escultura, a arquitectura funerária, as personalidades, as histórias, sem esquecer o papel fundamental dos cemitérios em termos práticos, o trabalho que é realizado "dentro de portas" e que poucos conhecem.

A implementação da Semana Cultural dos Cemitérios que conta com duas edições de grande sucesso, trouxe uma nova dinamização às actividades culturais nos cemitérios.



Fotografia de Victor Henriques



4. E a mais complicada?

O mais complicado, por ser uma tarefa rotineira é a parte burocrática, mas que é essencial: inserir os dados nos programas GESCOR e HADES.

5. Há quanto tempo faz visitas aos cemitérios?

Faço visitas desde 2012, com regularidade, mas, com programação fixa desde 2015.

**6. Qual é a sua visita favorita e porquê?**

Tenho várias visitas favoritas: as de fim de tarde ou nocturnas no Cemitério dos Prazeres e no Cemitério do Alto de S. João, *Percursos no Feminino* no Cemitério dos Prazeres (foi a primeira visita temática que fiz), *Pessoas em Pessoa* no Cemitério dos Prazeres, *Simbologia*, *Conhecer o Cemitério da Ajuda*, difícil escolher, gosto de todas!



7.Qual o seu cemitério preferido? E qual o monumento funerário de que mais gosta?

Também é difícil escolher um cemitério favorito, mas no topo colocaria o Cemitério dos Prazeres, o Cemitério do Alto de S. João e o Cemitério da Ajuda. Cada um tem a sua beleza e características particulares. Nos Prazeres, temos os ciprestes, os jacarandás, a natureza envolvente, o icónico Jazigo Palmela com belíssimas esculturas, a Cripta dos Bombeiros, a Capela, a vista sobre o Tejo e Monsanto, os Talhões de Artistas. No Cemitério do Alto de S. João, os jazigos do Visconde Valmor, dos Benfeitores da Santa Casa da Misericórdia, estão entre os mais interessantes jazigos monumentais que podemos admirar neste cemitério, o primeiro crematório do país, a Cripta dos Combatentes, os jacarandás, as tipuanas, as olaias, mais uma vez a simbiose entre Arte, Natureza, Simbologia e História.

Gosto de vários monumentos, não tenho um favorito. Destacaria o jazigo da Condessa d'Edla, o jazigo dos Viscondes Valmor, o jazigo dos Duques de Palmela, a Cripta dos Bombeiros, a Cripta dos Combatentes, o jazigo com o Anjo da Morte, o jazigo do Carvalho Monteiro entre outros ...



Jazigo nº5623, Cemitério dos Prazeres



NOTÍCIA

A IMPRENSA COMO FONTE DE INVESTIGAÇÃO

No âmbito da iniciativa *Hemeroteca Fora de Portas*, a Hemeroteca Municipal de Lisboa realizou o primeiro encontro subordinado ao tema *A imprensa como fonte de investigação*, num ciclo onde se pretende difundir a variedade de possibilidades existentes de investigação com base na imprensa.



Na primeira sessão, que teve lugar no dia 6 de Setembro na Biblioteca Camões, estiveram presentes Teresa Nunes, Gisela Monteiro e Alejandro Reyes que falaram sobre História Contemporânea, investigação ligada à riqueza cultural encontrada nos cemitérios e Musicologia.

A sessão foi moderada por Vanessa Batista, da Hemeroteca de Lisboa.

Para saber mais sobre estas iniciativas basta acompanhar a Agenda do site oficial das Bibliotecas de Lisboa em <https://blx.cm-lisboa.pt/agenda/>



2ª SEMANA CULTURAL NOS CEMITÉRIOS DE LISBOA



Entre os dias 7 e 15 de Outubro, e após o sucesso da primeira edição, realizou-se a *2ª Semana Cultural nos Cemitérios*. Este ano, o evento estendeu-se para além de Lisboa, contando com a participação dos Municípios de Loures, Setúbal e Vila Franca de Xira, que se associaram à iniciativa e realizaram também visitas e outras actividades nos seus cemitérios, permitindo assim chegar a mais pessoas.



À semelhança do ano anterior, foram estabelecidas parcerias com diversas entidades e agentes culturais, sem os quais não seria possível realizar a *Semana Cultural nos Cemitérios*. Contámos com a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, a Associação Portuguesa de Arte Fotográfica, o Centro de Arqueologia de Lisboa, o Coro Polyphonia Schola Cantarum, Cetóbriga Chamber Choir, a Mythos, os Urban Sketchers e, ainda com os gestores dos cemitérios de Lisboa de gestão não municipal (Cemitério Alemão e Cemitério Britânico).



Visitas guiadas, *Dias Abertos*, visitas noturnas, palestras virtuais, concertos, apresentação de livro, workshops e exposições fotográficas: foram nove dias de programação diversa, com actividades para todos os gostos (e idades). Nesta edição, destacamos a projeção do documentário *Ecos da Cidade dos Mortos*, do realizador Raul Losada que decorreu no interior da Capela do Cemitério dos Prazeres e a estreia da visita para crianças.



De acordo com o feedback que fomos obtendo durante a semana do evento e o inquérito de satisfação realizado, a avaliação geral do público é muito positiva. Entre todas as atividades realizadas, contámos com um total de mais de mil participações. Foi uma semana que, mais uma vez, nos permitiu divulgar o enorme património artístico, histórico e arquitetónico que os nossos cemitérios oferecem para explorar.

Vemo-nos na próxima edição!

Jéssica Silva



O CASO DOS CRÂNIOS: A COLEÇÃO FERRAZ DE MACEDO

Rafaela Ferraz

Amanhece o dia 17 de Abril de 1882. São sete e meia da manhã, e dois homens transportam um caixote pela Estrada da Penha de França. Um agente da polícia civil interpela-os. Pergunta-lhes o nome. São eles João Pereira e Joaquim Alves Sequeira. Pergunta-lhes a ocupação. Trabalham no cemitério do Alto de São João. Pergunta-lhes, presumivelmente, o que levam no caixote:

«Signal de espanto! Levavam ali craneos humanos. Oh! Horror!»¹

Mas nada há a temer, esclarecem os trabalhadores, pois é por ordem do administrador do cemitério (provavelmente Manuel Maria do Couto Albuquerque da Cunha²) que se dedicam a este tétrico transporte. Os crânios têm como destino a casa de Francisco Ferraz de Macedo, «grande e teimoso anthropologo»³, que os tem vindo a estudar à luz da sua ciência. Acrescentam João Pereira e Joaquim Alves Sequeira que nem é esta a primeira vez que transportam crânios para casa do antropólogo, «pois que já tinham acarretado para casa do referido médico para mais de 250 craneos!»⁴

Francisco Ferraz de Macedo é ocasionalmente descrito como um dos pais da antropologia em Portugal⁵. Nasceu a 11 de Outubro de 1843⁶, em Paradela, Águeda, e, após alguns anos no Brasil, fixou-se em Lisboa em 1882. Foi nesse ano que iniciou o estudo antropológico que lhe traria a alcunha de «Ferraz das caveiras» ou «Ferraz dos crânios»⁷: a recolha de uma coleção de crânios humanos dos cemitérios lisboetas.

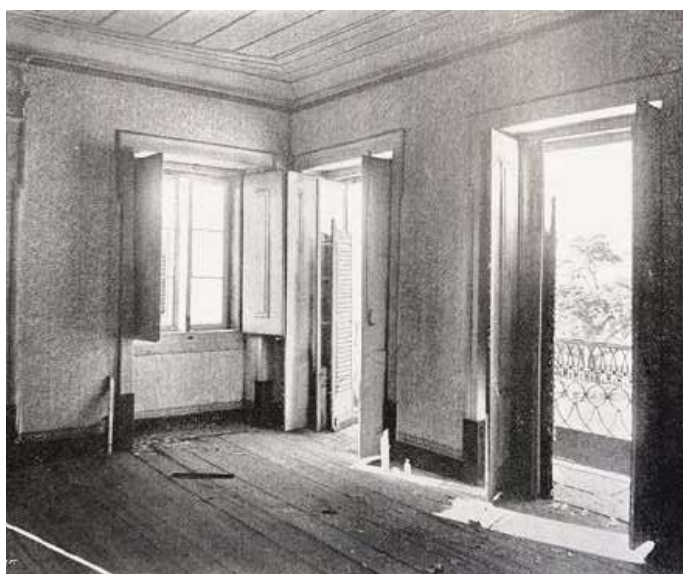


Ferraz de Macedo
Serões, nº30, Dezembro de 1907
Hemeroteca Municipal de Lisboa



CEMITÉRIOS
DE LISBOA

Ferraz de Macedo delinear o seu propósito como sendo «o estudo craneométrico e de cubagem nos portugueses contemporâneos, comparando-os com o dos outros povos na média resultante.»⁸ Tendo identificado que apenas a Câmara Municipal de Lisboa lhe poderia fornecer os meios necessários para levar a cabo este estudo, a ela se dirigiu, pedindo que lhe fossem concedidos «temporariamente os crânios das sepulturas rasas quando exumados, depois do quinquênio, para serem lançados a Valla Commum.»⁹ Interessavam-lhe apenas os indivíduos com idades compreendidas entre os 18 e os 70 anos. Após o estudo, todos os crânios seriam restituídos aos respetivos cemitérios.



Sala de trabalho e quarto de cama
de Ferraz Macedo



Casa onde viveu, apenas à
igreja do Monte

Serões, nº30, Dezembro de 1907 Hemeroteca Municipal de Lisboa

A permissão foi-lhe concedida. Reunidas as condições para iniciar o seu estudo, Ferraz de Macedo escreveu a um contacto em Paris, a quem encomendou um manual e um conjunto de instrumentos antropométricos. Da correspondência recebida por Ferraz de Macedo, presente nos arquivos do MUHNAC, faz parte uma carta enviada pelo antropólogo francês Paul Topinard, em que este refere ter tomado conhecimento de uma encomenda de instrumentos feita por Ferraz de Macedo¹⁰. A carta data de 24 de Fevereiro de 1882, o que poderá indicar que a Câmara Municipal de Lisboa já aprovara o estudo em data anterior a esta.

Não é conhecido em que data, exatamente, é que se iniciou a recolha dos crânios. Sabe-se, no entanto, segundo o testemunho dos trabalhadores João Pereira e Joaquim Alves Sequeira, e do próprio



Ferraz de Macedo, que o caixote de crânios interceptado no dia 17 de abril de 1882 não foi o primeiro a ser transportado para casa do antropólogo. Foi apenas o primeiro a ser notado pelas autoridades.



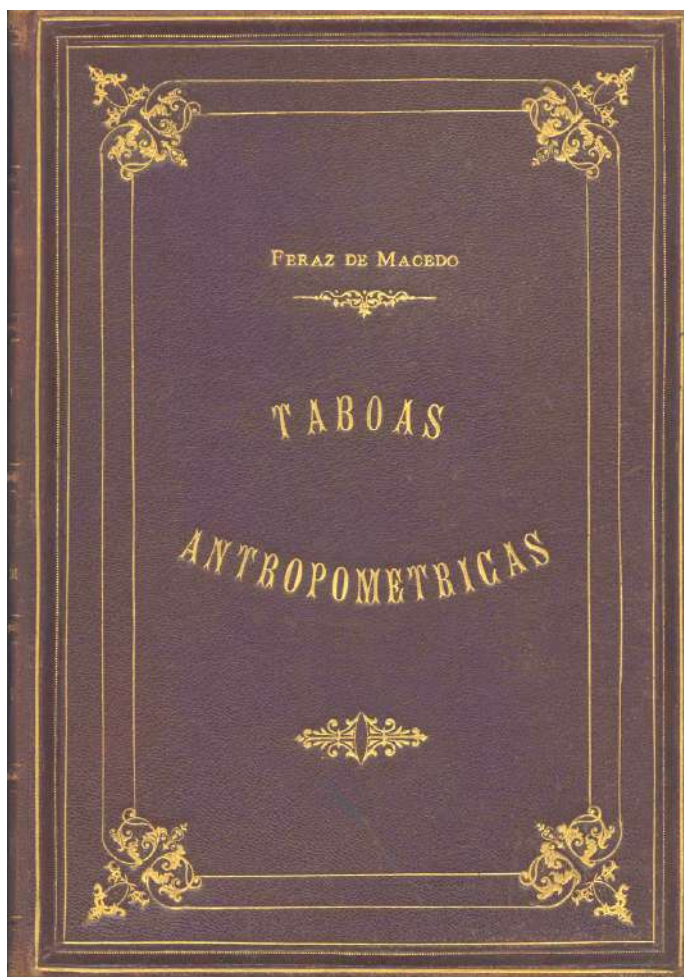
Ferraz de Macedo
Ferreira, A. A. da C. (1908).
*O anthropologista Ferraz de
Macedo: Apontamentos para a
história da sua vida e da sua
obra.* Typographia A Editora.

O caixote de crânios foi remetido para o Tribunal da Boa Hora. Lá se apresentaram também os trabalhadores João Pereira e Joaquim Alves Sequeira, assim como Francisco Ferraz de Macedo, que «declarou ter por muitas vezes recebido talvez 500 craneos humanos, que dos cemiterios lhe remettiam para os seus estudos.»¹¹ O desfecho do caso foi simples: os crânios foram devolvidos ao cemitério, os trabalhadores à liberdade, e Ferraz de Macedo prometeu interromper temporariamente o seu trabalho. Ao longo dos dias seguintes, Ferraz de Macedo manteve-se atento à imprensa, compilando uma lista meticulosa dos jornais que noticiaram a apreensão dos crânios. Tomou nota dos rumores que lhe foram atribuídos: «que eu comprara os coveiros dos Cemitérios para me venderem os craneos a 100 reis cada um; que trazia para casa os ossos com o fim de purificar assucar; que estava com o firme propósito de escarnecer dos mortos, fazendo deles nova industria; [...] que queria fazer a ressurreição dos mortos precocemente; que pretendia formar um arsenal de craneos; que era um parlapatão a quem se devia castigar de um modo sério».¹²



Efetivamente, a apreensão dos crânios foi amplamente noticiada. A 19 de Abril de 1882¹³, a Câmara Municipal de Lisboa esclareceu a situação na voz do vereador do pelouro dos cemitérios, Joaquim António de Oliveira Namorado¹⁴. O vereador confirmou que, efetivamente, o administrador do cemitério do Alto de São João agira sob autorização ao deixar sair os crânios do cemitério para casa de Ferraz de Macedo.

No entanto, e apesar de reconhecer mérito ao estudo de Ferraz de Macedo, o vereador anunciou que revogaria essa autorização.



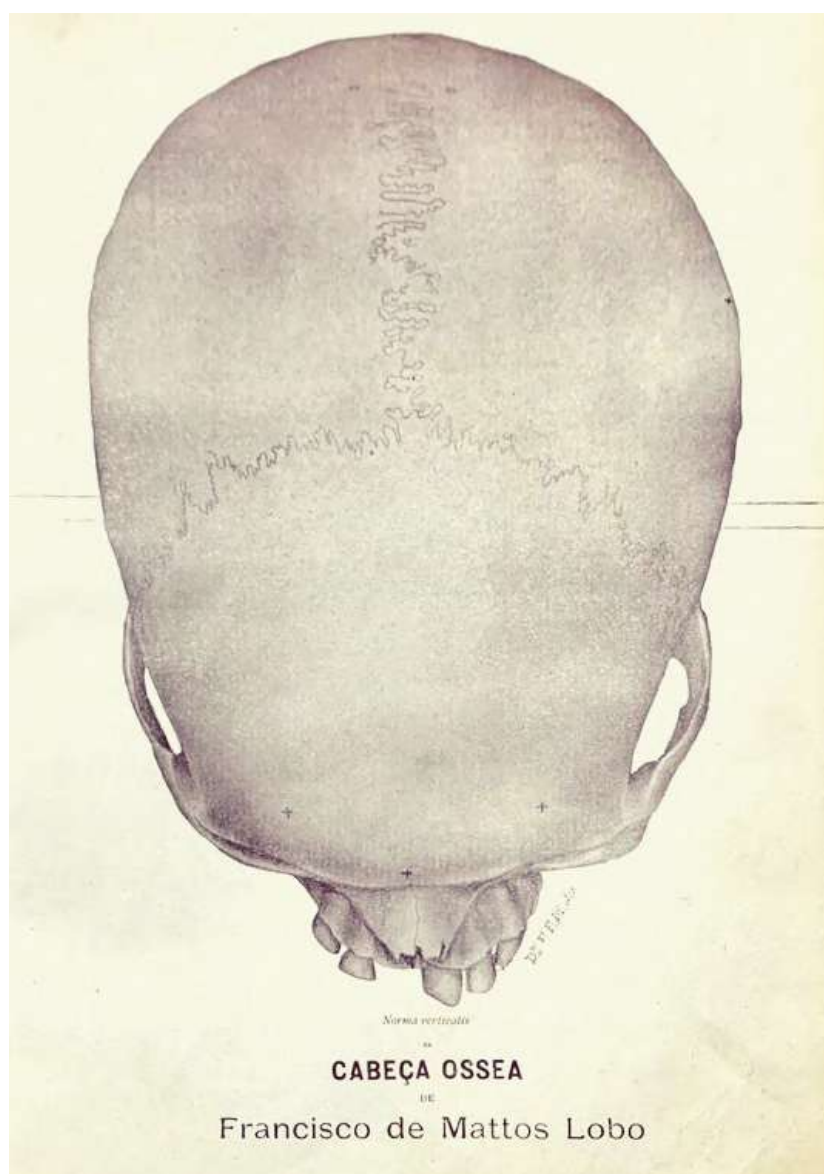
Livro de registos
Imagem gentilmente cedida
pelo Museu Nacional de
História Natural e da Ciência

Após um início discreto, o estudo antropológico de Ferraz de Macedo ficava assim interrompido. Ferraz de Macedo fez um novo requerimento à Câmara Municipal de Lisboa, requerimento esse que foi aprovado a 27 de Abril de 1882—apenas dez dias depois da apreensão dos crânios na Estrada da Penha de França. Segundo a ata da sessão, existia uma «clausula bem expressa de que os craneos voltassem aos cemiterios, logo que o requerente completasse os seus estudos»¹⁵. A imprensa logo noticiou a aprovação do requerimento de Ferraz de Macedo¹⁶, e o antropólogo regressou aos seus estudos.



CEMITÉRIOS
DE LISBOA

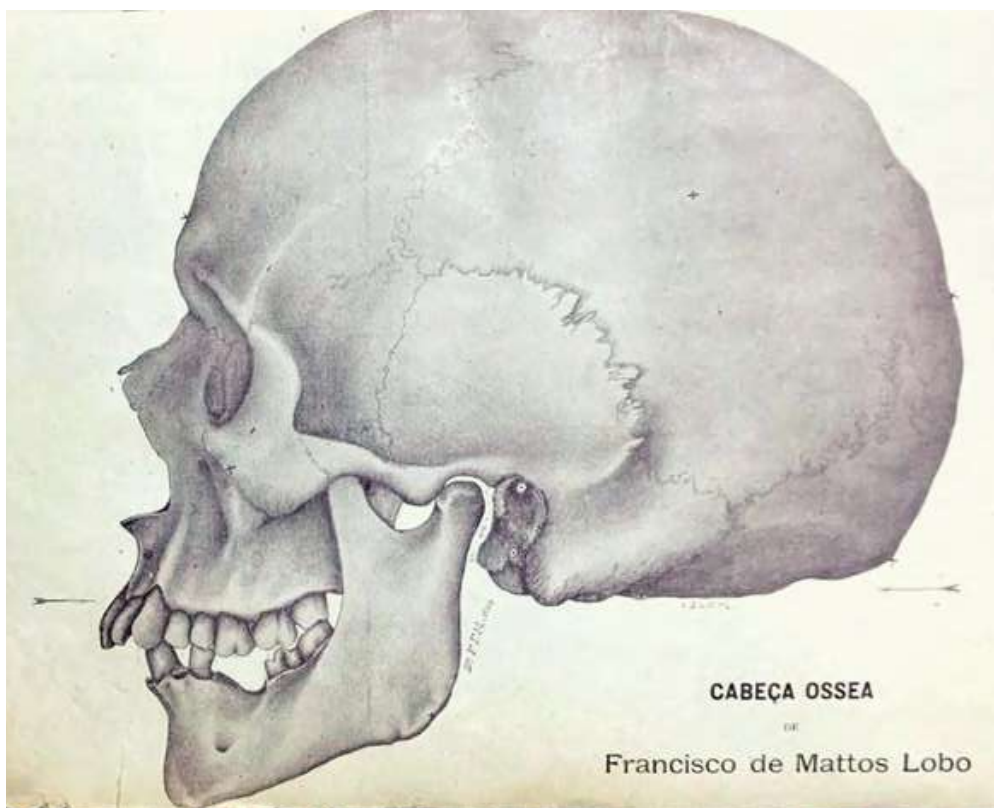
É provável que não tenha sido este o final da correspondência entre Ferraz de Macedo e as instituições que detinham autoridade para aprovar ou rejeitar os seus estudos. Do espólio de Ferraz de Macedo, presente nos arquivos do MUHNAC, faz parte um rascunho de uma carta endereçada a José Carlos Rodrigues Sette, «digníssimo Cheffe da Repartição de Hygiene Pública do Ministerio do Reino». Neste rascunho, datado de 17 de Maio de 1882, Ferraz de Macedo faz referência a uma conversa prévia com José Carlos Rodrigues Sette, em que o terá esclarecido sobre o seu estudo antropológico após inquirição enviada pelo Ministério do Reino à Câmara Municipal de Lisboa.



Desenho por Francisco Ferraz de Macedo
Galeria de Criminosos Célebres de Portugal: historia da criminologia contemporanea, 1897.

Apesar de Ferraz de Macedo ter reunido a sua coleção de crânios sob a premissa de que estes seriam eventualmente restituídos aos cemitérios da cidade, tal restituição nunca se concretizou. É incerto se as condições estipuladas pela Câmara Municipal de Lisboa foram modificadas, ou se partiu de Ferraz de Macedo a decisão de conservar a coleção até ao fim da sua vida. Em 1907, a coleção de crânios de Francisco Ferraz de Macedo foi doada ao museu da antiga Escola Politécnica, agora Museu Nacional de História Natural e da Ciência (MUHNAC). A documentação oficial presente no MUHNAC refere que a coleção doada era constituída por 1.023 crânios e apenas um esqueleto completo; no entanto, fontes posteriores referem a existência de 140 esqueletos completos e identificados¹⁷.

A coleção de Ferraz de Macedo foi uma das muitas destruídas pelo incêndio que, em 1978, assolou a Escola Politécnica. Da coleção doada em 1907 restam apenas 42 crânios¹⁸.



Desenho por Francisco Ferraz de Macedo
Galeria de Criminosos Célebres de Portugal: historia da criminologia contemporanea, 1897.

Francisco Ferraz de Macedo morreu a 28 de Janeiro de 1907¹⁹, com 63 anos. Foi sepultado no Cemitério do Alto de São João, no jazigo particular n.º. 3114. Repousa atualmente no jazigo particular n.º. 4741, para onde foi trasladado em 1921²⁰.



1. Ressurreição precoce. (1882, 18 de Abril). *Diário de Notícias*, p. 1.
2. Monteiro, J. G., & Monteiro, A. X. R. (1882). *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o Anno de 1883*. Lalleman Frères.
3. ("Ressurreição Precoce," 1882)
4. Ibid.
5. Museu Nacional de História Natural e da Ciência. (2015). *Coleção de Antropologia Ferraz de Macedo*.
<https://web.archive.org/web/20200929163621/https://www.museus.ulisboa.pt/pt-pt/node/641>
6. Assento de nascimento de Francisco Ferraz de Macedo. (1843). In Livro de Registo de Baptismos da Paróquia de Espinhel 1839-1858. Arquivo Distrital de Aveiro.
7. Fialho de Almeida, J. V. (1907, Dezembro). Ferraz de Macedo. *Serões: Revista Mensal Ilustrada*, 415-427.
8. Ferraz de Macedo, F. (n.d.). [*Rascunho de carta endereçada a José Carlos Rodrigues Sette, Cheffe da Repartição de Hygiene Pública do Ministerio do Reino*] (Arquivo do Museu Bocage, Manuscritos FFM). Arquivo Histórico dos Museus da Universidade de Lisboa.
9. Ibid.
10. Topinard, P. (1882, 24 de Fevereiro). [*Encomenda de instrumentos para estudos anthropologicos*] (Arquivo do Museu Bocage, Correspondência Estrangeira, CE T24). Arquivo Histórico dos Museus da Universidade de Lisboa.
11. ("Ressurreição Precoce," 1882)
12. (Ferraz de Macedo, n.d.)
13. A questao dos craneos. (1882, 20 de Abril). *Commercio de Portugal*, 3.
14. (Monteiro & Monteiro, 1882)
15. 27 de Abril de 1882. (1882). In *Actas das Sessões da Câmara Municipal de Lisboa* (pp. 223-224).
16. O caso dos craneos—Resolução camararia. (1882, 28 de Abril). *Commercio de Portugal*, 1.
17. Garcia, S. J. (2020). As coleções de Antropologia Biológica do MUHNAC na emergência da Antropologia em Portugal. *Boletim ICOM Portugal*, III(15), 37-40.
18. Ibid.
19. Assento de óbito de Francisco Ferraz de Macedo. (1907). In *Livro de registos de óbitos—Administração do Concelho de Lisboa—1o Bairro 1901 - 1911*. Arquivo Distrital de Lisboa.
20. Registo No. 12012. (1907). In *Livro de Registo de Enterramento no. 53 Vol. II* (p. 172).

Rafaela Ferraz

Escritora, investigadora independente,
e co-autora do livro *Death And Funeral
Practices In Portugal*.

É licenciada em Criminologia e mestre
em Medicina Legal. Escreve para
publicações nacionais e estrangeiras e
para o seu site próprio,
rafaelaFerraz.com



CENTERIOS
DE LISBOA



NOTÍCIA

CONFERÊNCIA ANUAL DA ASSOCIATION OF SIGNIFICANT CEMETERIES OF EUROPE 2023

Entre 21 e 23 de Setembro decorreu a Reunião Geral (AGM) e a Conferência Anual da ASCE - *Association of Significant Cemeteries of Europe*, a instituição responsável pela gestão do *Itinerário Europeu dos Cemitérios*, um dos *Itinerários Culturais do Conselho da Europa*.

Este ano a cidade anfitriã do evento foi Mântua, em Itália, e o tema do encontro foi “Cemitérios do Futuro”, propondo a discussão e partilha de experiências sobre preocupações actuais como a sustentabilidade ambiental, diminuição da ocupação de terra, a conservação de energia e o papel dos sistemas de informação. De acordo com a organização, estiverem presentes mais de 130 participantes, representando 16 países.



Neste ano de 2023 em que foi aprovada em Assembleia Municipal a adesão do Cemitério do Alto de São João e do Cemitério dos Prazeres ao *Itinerário Europeu dos Cemitérios*, com a entrada do Município de Lisboa enquanto membro da ASCE, a Divisão de Gestão Cemiterial esteve presente e apresentou a comunicação *From the Community to the Community* sobre o sistema de informação de Gestão Cemiterial HADES, módulo de Gestão Cultural e Patrimonial TANATOS e o programa de voluntariado *Adopte Uma Rua no Cemitério*, que foram integrados no programa como exemplo de boas práticas.





Houve ainda oportunidade para os participantes visitarem o Cemitério Monumental de Mântua, numa visita guiada em que se discutiram práticas e metodologias e o impacto das diferenças culturais nas escolhas de memorialização no interior dos cemitérios.



A ASCE já publicou o relatório da AGM que pode ser consultado em <https://www.significantcemeteries.org/2023/10/agm-2023-report.html>



NOTÍCIA

COLABORAÇÃO ENTRE LISBOA E DÍLI (TIMOR-LESTE)

No âmbito do Projeto: *Parceria para o reforço da governação urbana, inclusão social e promoção do empreendedorismo em Díli, Timor-Leste*, coordenado pela UCCLA e inserida no Programa da Comissão Europeia “Autoridades Locais: Parcerias para cidades sustentáveis, a Divisão de Gestão Cemiterial (DGC) recebeu, no período entre 12 a 28 de Setembro, uma equipa de 3 representantes dos cemitérios da Autoridade Municipal de Díli.



Esta missão teve como objetivo proporcionar formação em contexto de trabalho, na área da gestão cemiterial, com vista a melhorar o funcionamento dos cemitérios de Díli.

A equipa foi acompanhada pelo Departamento de Desenvolvimento e Formação (DDF) e pela DGC. Os três elementos integraram as nossas equipas operacionais, realizando todas as tarefas que são executadas diariamente, como abertura de sepulturas, funerais, exumações, limpeza e manutenção do cemitério, acompanhamento de deposição de restos mortais em construções funerárias para observação do funcionamento do forno crematório.

Para que pudessem executar as tarefas em condições de segurança, foram entregues aos dois elementos operacionais um conjunto de fardamento adequado à época do ano e ao tempo de permanência, e um kit de Equipamentos de Proteção Individual. Aos três elementos foi fornecido calçado de proteção.



Na segunda fase do projecto, a Chefe da Divisão Dr.^a Sara Gonçalves deslocou-se a Díli, Timor-Leste, onde se reuniu com diversas entidades e fez visitas de campo a vários cemitérios.

No dia 30 de outubro, no Ministério da Administração Estatal, em Díli, decorreu uma apresentação sobre a Gestão Cemiterial no Município de Lisboa, pela Dr.^a Sara Gonçalves, com o objetivo de dar a conhecer a realidade do município de Lisboa na gestão administrativa e técnica dos sete cemitérios e apresentar uma primeira avaliação das visitas realizadas e possíveis medidas a implementar.



Foi ainda possível acompanhar as celebrações e rituais associados ao Dia dos Finados nos cemitérios de Díli, o que permitirá adequar as medidas a implementar àquela realidade tão particular.

Entretanto, foi solicitado pela Presidente da Autoridade Municipal de Díli a continuidade do projeto cooperação nesta área.



PEDRAS E OBRAS

Reabilitação de jazigos a cargo da Câmara Municipal de Lisboa no Cemitério do Alto de S. João



Apesar de a maior parte das construções existentes nos Cemitérios Municipais serem concessões privadas, mas sujeitas a manutenções periódicas, existem diversas outras que são da exclusiva responsabilidade do município.

Os motivos são diversos como doações, testamentos, monumentos de homenagem a personalidades ou eventos ou outros que foram abandonados, quer por morte dos concessionários ou por não cumprimentos das regras da concessão, sobretudo na 2ª metade do séc. XIX e 1ª metade do séc. XX.



Não existindo a disponibilidade financeira para recuperação de todo o património nestas condições, foram escolhidos para uma empreitada executada em 2022, os mais emblemáticos e/ou os que se encontravam em pior estado de conservação.

Foram recuperados nesta empreitada os jazigos de personalidades tão diversas como Filinto Elísio, António Bôto, Abel Jordão, Fernando d'Oliveira, Ana de Castro Osório, Machado Santos, João Belo, Marcelino Arroio, Elias Garcia, Miguel Bombarda e Cândido dos Reis, Borges Grainha, Costa Godolfim, Beneméritos da Cidade, Silva Porto e Tomás da Anunciação.



Antes Depois

Miguel Bombarda e Cândido dos Reis

Cada monumento é uma obra única e foi sujeita a trabalhos específicos, no entanto, em todos foi efetuada uma lavagem das cantarias com jato de água, as juntas preenchidas com betume e os gradeamentos recuperados e pintados.



O jazigo de homenagem a Stuart de Carvalhais foi um dos recuperados nesta empreitada.

Jazigo subterrâneo n.º 891, rua 7, considerado prescrito em 1992, de arquitetura oitocentista, foi objeto de projeto de adaptação nos anos seguintes para receber os restos mortais do homenageado. Nessa altura foram inseridos no gradeamento quatro painéis de vidro serigrafados com trabalhos do artista.

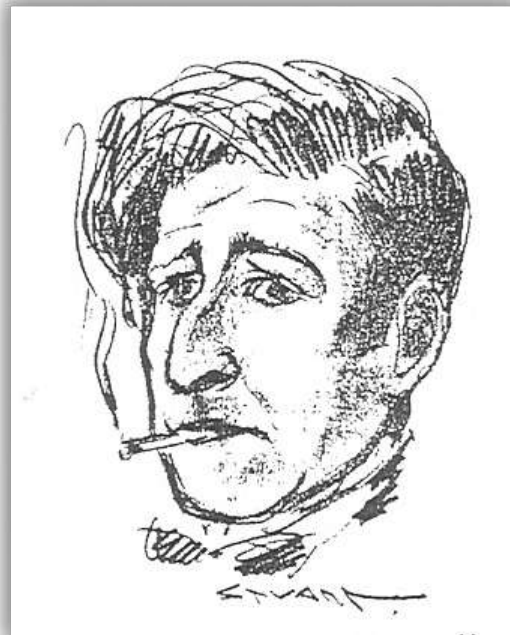
Em 2022 os painéis encontravam-se praticamente ilegíveis e foram substituídos durante a empreitada com as mesmas serigrafias.



Antes Depois

Todo o monumento foi lavado com jato de água a baixa pressão, as juntas entre cantarias colmatadas novamente, o gradeamento limpo e pintado à cor original e os painéis de vidro, depois de impressos, fixos nos caixilhos de metal.

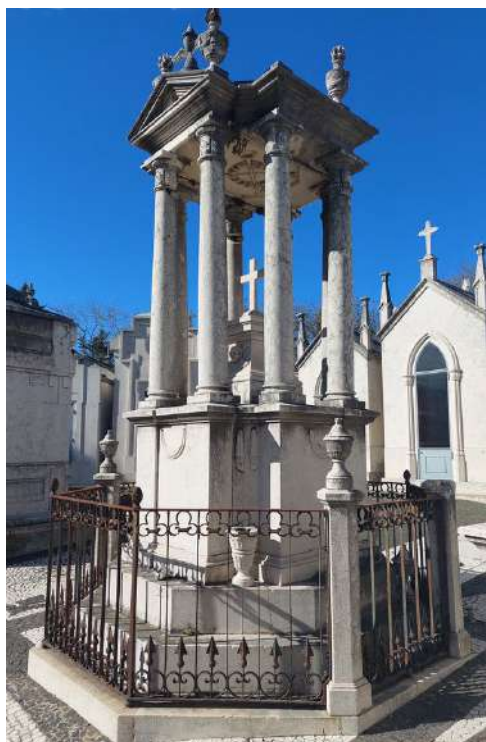




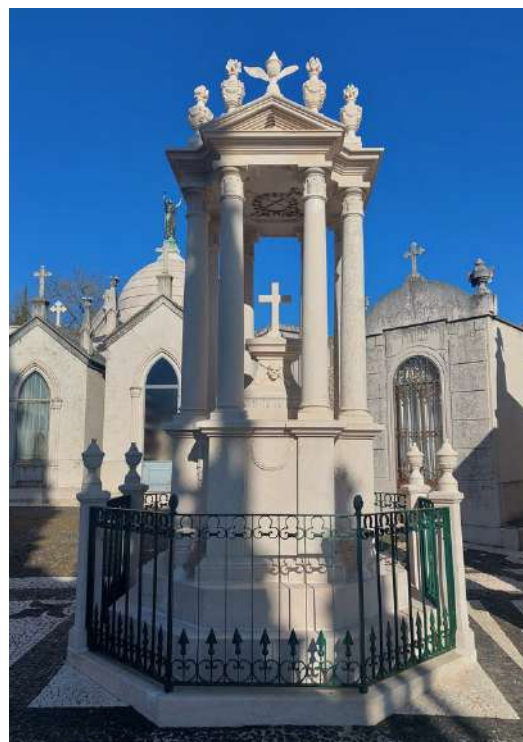
Desenhos de Stuart Carvalhais impressos em vidro nas quatro faces do monumento.



Aproximadamente da mesma época, mas de características distintas, o jazigo 224 na rua 1, prescrito em 2017, em baldaquino apoiado em oito colunas, obrigou ao desmonte da parte superior devido ao mau estado dos topos das colunas, com falhas na pedra e oxidação visível dos pernes de fixação.



Antes



Depois

No séc. XIX eram usados pernes em ferro no interior dos elementos em cantaria para os solidarizar entre eles, selados com chumbo. Com a penetração da humidade e o desaparecimento do chumbo o ferro oxida, lamina e aumenta de volume no interior das cantarias fazendo-as estalar e partir.

Nesses casos o ferro tem de ser retirado e substituído por aço ou outro metal resistente e as cantarias danificadas são coladas ou reparadas, geralmente com massas próprias com catalisador que permitem refazer pequenas zonas à cor da pedra existente.

Em pleno séc. XXI temos á disposição técnicas e materiais que nos facilitam e aceleram os trabalhos em pedra, não substituindo os trabalhos artesanais de escopro e martelo, pois o resultado é sempre diferente.

CEMÉTERIOS
DE LISBOA



Gravação com jato de areia



Finalizado com pintura

Para a gravação dos epitáfios do jazigo de Almada Negreiros e Sarah Affonso, recorreu-se a técnica computadorizada para impressão em tela autocolante dos desenhos pretendidos (stencil). Esta técnica permitiu reproduzir na pedra um bordado existente num vestido de batismo do filho do casal, bordado à mão por Sarah Affonso e uma frase de Almada Negreiros.

Depois de vazados, os desenhos foram gravados na pedra com jato de areia e pintados.

CEMITÉRIOS
DE LISBOA

Também nesta empreitada foi recuperado o jazigo 1533 (Dr. Abel Jordão) que representa ao pormenor uma mesa de autópsias com todos os instrumentos necessários. Além de se encontrar bastante sujo, o tampo estava rodado no apoio devido a queda de pedra do jazigo vizinho.



Antes Depois

O tampo foi cuidadosamente colocado no seu local e fixo à base. As peças partidas foram reparadas e as cantarias lavadas com jato de água a baixa pressão para não danificar os delicados pormenores em pedra.



Antes Depois



CEMÉTERIOS
DE LISBOA



Esta empreitada de recuperação de jazigos e monumentos a cargo da CML nos cemitérios do Alto de São João e Prazeres, assim como outras semelhantes nos restantes cemitérios, revestem-se de um caráter prioritário para o município pois, além de respeitar desígnios de quem entregou à CML o seu jazigo, mantém viva a memória dos homenageados, a história inerente a cada monumento e preserva-se património importante.

v. c.





FICHA TÉCNICA

PROPRIEDADE: CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA | DIREÇÃO MUNICIPAL DO AMBIENTE, ESTRUTURA VERDE, CLIMA E ENERGIA | DIVISÃO DE GESTÃO CEMITERIAL
EDIÇÃO: DGC
COORDENAÇÃO: SARA GONÇALVES
PESQUISA, CONTEÚDOS: ELISABETE ROCHA, EMA CÂMARA, GISELA MONTEIRO, LICÍNIO FIDALGO, SÉRGIO PALMEIRO E VENÍLIA CAEIRO
DESIGN: INÉS RIBEIRO

DGC - DIVISÃO DE GESTÃO CEMITERIAL - R. DO RIO ZEZERE 1600-755 LISBOA

PERIODICIDADE: SEMESTRAL
FORMATO: DIGITAL

WWW.LISBOA.PT